

CMP 2.3.15.34 "Correio Popular" 6-III-1995

Memória da Santa Casa

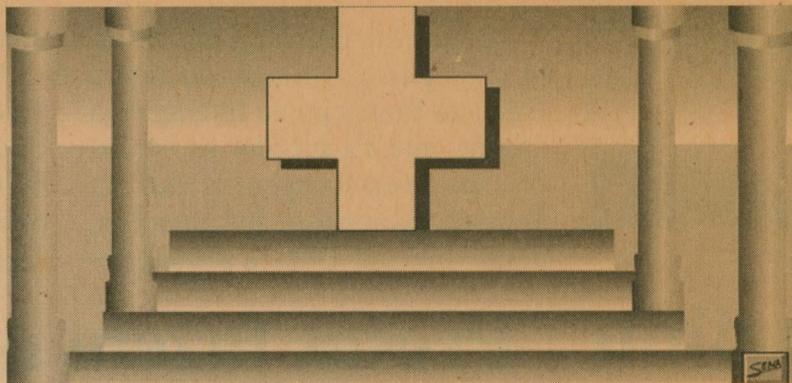
CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Não há campineiro que não tenha tido, em qualquer época de sua vida, algum relacionamento com a Santa Casa de Misericórdia de Campinas. Pode ser o caso de algum antepassado ter sido provedor; de um parente ter deixado herança para o hospital, como era hábito em outros tempos: ou de ter compartilhado de alguma festa ou movimento a favor do hospital. Ou ainda, de no exercício de sua profissão, como no meu caso, de ter percorrido aqueles longos corredores e enfermarias, entrevistado médicos e enfermeiras, ou mesmo as Irmãs de Caridade, que ali trabalhavam.

Na Capela, dedicada à Nossa Senhora da Boa Morte, celebraram-se muitas missas, casamentos e ofícios litúrgicos. E o bom Cônego Luizinho de Abreu foi seu capelão durante anos e anos.

O arquivo histórico da Santa Casa foi em boa hora confiado ao Centro de Memória da Unicamp, o que significa dizer que está em ótimas mãos. Entendimentos foram feitos, desde 1986, entre a Irmandade de Misericórdia de Campinas e o Centro de Memória da Unicamp, e disso resultou a celebração de um convênio pelo Conselho Universitário, em reunião em 27 de dezembro de 1988 e pela Provedoria da Santa Casa, cujo ato foi publicado pelo *Diário Oficial* de 19/01/89.

A Santa Casa é uma insti-



tução secular, datando sua fundação de 1871, o que equivale a dizer que seus arquivos guardam a memória da cidade no registro de muito mais de 500 mil doentes, que por ali passaram. Justamente a população carente da cidade e seu sofrimento.

Deve-se ao pensador francês Michel Foucault em sua História Nova um estudo mais aprofundado da vida a partir do corpo humano e da mente em suas manifestações. Tornou-se então mais possível uma leitura do corpo e do seu uso. O doente e a doença com seus tabus e preconceitos começaram a ser mais estudados. E a doença foi tida como metáfora, o subconsciente regendo o mundo. Daí a investigação mais profunda da morte e de sua dimensão cultural e social, o conhecimento mais justo da medicina e da saúde, e da ordenação médica da sociedade através da norma.

Os arquivos da Santa Casa em sua longa existência trazem até nós a memória do homem doente para a compreensão de sua morbidez, de suas dores,

de seu sofrimento, enfim, capazes de conservar as práticas religiosas, o exercício do poder, e o universo entre o médico e o paciente. No caso dos arquivos da Santa Casa, explica uma antiga publicação da Unicamp, estão ali o universo da pobreza, a história dos homens, mulheres e crianças, que em certa época de sua vidas, tiveram de recorrer aos serviços do hospital.

Os arquivos são realmente preciosos para o pesquisador. Ali estão coleções de livros dos funcionários, diários, livros de diagnósticos dos doentes, registros de pensionistas, prontuários de enfermos, registros de óbitos, patrimônios imobiliários, prescrições médicas, além de relatórios de outras Santas Casas, como do Rio, São Paulo, Mogi Mirim.

O caso é que estamos todos atentos aos destinos deste patrimônio histórico a Santa Casa de Misericórdia. E temos a certeza absoluta de que o desafio atual será resolvido com competência e humanidade. E o quanto antes.